

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Faculdade de Farmácia

Disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso de Farmácia

PERCEPÇÕES SOBRE A PROFISSÃO FARMACÊUTICA NA ÓTICA DE  
FARMACÊUTICOS, ESTUDANTES DE FARMÁCIA, ESTUDANTES DE  
MEDICINA, MÉDICOS E PACIENTES

Gabriela Klein Couto

Porto Alegre, Dezembro de 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Faculdade de Farmácia

Disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso de Farmácia

PERCEPÇÕES SOBRE A PROFISSÃO FARMACÊUTICA NA ÓTICA DE  
FARMACÊUTICOS, ESTUDANTES DE FARMÁCIA, ESTUDANTES DE  
MEDICINA, MÉDICOS E PACIENTES

Gabriela Klein Couto

Profa. Dra. Tânia Alves Amador

Orientadora.

Fernando Kreutz

Co-orientador.

Porto Alegre, Dezembro de 2014.

## AGRADECIMENTOS

À professora Tânia Alves Amador pela orientação e inspiração quanto farmacêutica, por todo incentivo durante a construção deste trabalho.

Ao Fernando Kreutz por toda a ajuda ao longo deste nosso trabalho. Por abraçar minhas ideias e ajudar-me a fazê-las reais. Por me manter calma em todos os momentos com um: “Calma, vai ficar muito bom!”. És um exemplo profissional para mim, tanto em questão de conhecimento quanto postura profissional.

Aos meus pais, pelo amor e apoio incondicional. Ao meu irmão por me fazer entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente. Aos meus avós por todo o carinho e por acreditarem, sempre, que seria uma excelente profissional e por confiarem em meus conselhos farmacêuticos.

Ao Gustavo Dias Ferreira, meu amor, por toda ajuda sempre. Por estar ao meu lado durante toda a faculdade de farmácia, dando-me força. Pelo apoio, carinho, reflexões e por acreditar neste trabalho comigo.

Às minhas amigas e colegas Bruna, Bianca, Marceli e Stéphanie por fazerem parte da minha trajetória acadêmica dividindo todos os momentos, alegrias, aflições e angústias.

À minha amiga Naiara Santestevan pela amizade, conversas, parceria e sintonia. À Laurinha e à Ana Lúcia Antunes pela presença e incentivo durante praticamente toda a faculdade. À prof<sup>a</sup>. Simone Castro por todos os ensinamentos e amizade. À minha amiga e prof<sup>a</sup> Simone Marcuzzo por abrir-me as portas do mundo científico, por todos conselhos e conversas. Ao prof. Diogo André Pilger pelos inúmeros conselhos e por todos os aprendizados. Ao prof. Alex Sander por ter sido um professor excepcional, e hoje, um grande amigo, com quem compartilhei as conquistas pessoais e acadêmicas.

Ao pessoal da Farmácia Escola da UFRGS por despertar novos sentimentos e pensamentos, por toda ajuda e inspiração para a realização deste trabalho.

À todos os professores da UFRGS que passaram pela minha formação. Foi muito bom aprender com cada um de vocês.

Agradeço, enfim, a todos os participantes desta pesquisa, por me ajudarem a tornar este trabalho real.

## APRESENTAÇÃO

Este artigo foi elaborado conforme as normas para autores da Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas Básicas e Aplicadas apresentadas ao final do artigo (ANEXO A). Para fins do trabalho de conclusão de curso, as tabelas e figuras foram colocadas ao longo do texto para facilitar a leitura dos membros da banca.

**Percepções sobre a profissão farmacêutica na ótica de farmacêuticos,  
estudantes de farmácia, estudantes de medicina, médicos e pacientes**

**Perceptions about the pharmaceutical profession from the perspective of pharmacists, pharmacy  
students, students of medicine, doctor's and patients**

*Percepções sobre a profissão farmacêutica.*

Gabriela Klein Couto<sup>1</sup>; Fernando Kreutz<sup>2</sup>; Tânia Alves Amador<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Faculdade de Farmácia - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto  
Alegre, RS, Brasil.

<sup>2</sup> Farmácia Popular do Brasil – Farmácia Escola da Universidade Federal do Rio Grande  
do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.

Autor Correspondente: Gabriela Klein Couto, Faculdade de Farmácia da UFRGS.

Av. Ipiranga, nº2752, CEP: 90610-000

Porto Alegre - RS, Telefone: (51) 91334144 e-mail: gaby\_kc@yahoo.com.br

## **RESUMO**

Atenção farmacêutica pressupõe o acompanhamento, pelo farmacêutico, da farmacoterapia do paciente com objetivo de sucesso no tratamento. A formação do farmacêutico e a legislação sanitária têm sido modificadas para oferecer uma perspectiva clínica à profissão. O objetivo deste estudo foi verificar o conhecimento e reconhecimento do farmacêutico por usuários e não usuários da farmácia escola da UFRGS e conhecer a percepção de médicos, estudantes de Medicina, farmacêuticos e estudantes de Farmácia da UFRGS quanto ao papel clínico do farmacêutico. Trata-se de um estudo transversal, usando questionários semiestruturados para coleta. O preenchimento foi via internet ou face a face, entre agosto e setembro de 2014. A amostra total foi de 521 respondentes. Os resultados mostraram que 62,50% dos usuários e 72% dos não usuários costumam buscar orientações sobre saúde com um farmacêutico, sugerindo que reconhecem o profissional. Entre médicos e estudantes de medicina, 76% desconhecem a atenção farmacêutica e 30% deles discordam plenamente da possibilidade da prescrição farmacêutica. Entre os alunos iniciantes do curso de Farmácia apenas 6% mostraram interesse por trabalhar em drogarias, mas ao longo do curso este cenário apresenta modificações e 21% dos concluintes mostram interesse por atenção farmacêutica. Os farmacêuticos (30%) acreditam que na prática a prescrição de medicamentos isentos de prescrição (MIPS) não resulta em ganhos concretos para a profissão, sendo que 53% dos entrevistados não prestam o serviço de atenção farmacêutica. O estudo mostra evolução positiva no reconhecimento do público em relação à profissão farmacêutica e aponta pouca clareza, entre farmacêuticos que trabalham em drogarias, das atividades que caracterizam a atenção farmacêutica.

### **PALAVRAS – CHAVE:**

Atenção Farmacêutica. Farmácia Escola. Farmacêutico. Estudantes de Farmácia. Farmácia comunitária.

## **ABSTRACT**

Pharmaceutical Care involves monitoring by the pharmacist of the patient's pharmacotherapy aiming at successful treatment. The formation of the pharmacist and sanitary regulations has been modified to provide a clinical perspective of the profession. The aim of this study was to evaluate the knowledge and recognition of the pharmacist for users and non-users of Pharmacy School-UFRGS and know the perception of physician, pharmacists and students pharmacists, UFRGS on the clinical role of the pharmacist. Cross-sectional survey was performed by the collect data through semi-structured questionnaire. The survey was administered via the Internet or face to face, during the period August-September 2014. The total sample composed of 521 respondents. The results show that 62.50% of users and 72% of non-users seek health information with pharmacist, suggesting that recognize professional. Among physicians and medical students, 76% ignore the proposal of Pharmaceutical Care and 30% disagree with the prescribing pharmacist. Students beginners course in pharmacy only 6% showed interest in working in community pharmacy, but over the course of this scenario presents modifications and 21% of graduates show interest in pharmaceutical care. Pharmacists (30%) believe that in practice the prescription non-prescription drugs does not result in gains to the professional, but 53% of respondents did not provide the service of pharmaceutical care. The study shows a positive evolution in recognition of the public in relation to the pharmaceutical profession and indicates a lack of clarity among pharmacists working in pharmacies, the opportunities that pharmaceutical care.

## **KEY WORDS:**

Pharmaceutical Care. Pharmacy School. Pharmacist. Students Pharmacists'. Community Pharmacy.

## 1. INTRODUÇÃO

A Assistência Farmacêutica no Brasil é considerada, desde 1988, um conjunto de procedimentos importantes para a promoção, prevenção e recuperação da saúde, tanto individual quanto coletiva. Além da produção de medicamentos, inclui atividades como a seleção, programação, aquisição, distribuição, armazenamento, prescrição e dispensação de medicamentos. A dispensação, em particular, é entendida como o ato essencial de orientação ao paciente quanto ao uso adequado dos medicamentos, sendo esta, uma atividade privativa do profissional farmacêutico (Araújo et al., 2008).

Entre suas ações, a Assistência Farmacêutica, envolve a atenção farmacêutica (AtenFar) que tem entre seus componentes o acompanhamento farmacoterapêutico, que é um processo no qual o farmacêutico se responsabiliza pelo cuidado com o paciente no que diz respeito às necessidades relacionadas ao medicamento, por meio da detecção, prevenção e resolução de Problemas Relacionados aos Medicamentos (PRM), além de garantir a adequada adesão ao tratamento medicamentoso (Brasil, 2004; OPAS, 2002).

A Organização Mundial de Saúde (OMS), em seu documento sobre o papel do farmacêutico na atenção à saúde (OMS, 1988), considera que somente é possível resolver os problemas na cadeia de distribuição de medicamentos se o farmacêutico for aceito como membro vital da equipe de atenção à saúde. Outros estudos apontam o profissional como essencial às ações de informação e esclarecimento sobre o uso correto e racional dos medicamentos, com a importante função de orientar sobre efeitos adversos e colaborar para a diminuição de intoxicações medicamentosas (Vicktil, 2008; Molino et al., 2014).

No entanto, este cenário distancia-se bastante da realidade observada atualmente no varejo farmacêutico, visto que a farmácia tem sido compreendida como um mero comércio de medicamentos e correlatos, e a dispensação como um simples ato de venda ou entrega de medicamento. Assim, tem sido observado que o farmacêutico não recebe o adequado reconhecimento por parte de gestores e da própria sociedade (Araújo et al., 2008). Segundo Lip e Beevers (1997), a maioria dos usuários/pacientes que frequenta farmácias não é questionada quanto a questões que dizem respeito ao uso correto de medicamentos, o que significa um grande problema, visto que o uso racional e seguro não depende apenas de uma adequada avaliação e prescrição médica, mas também, e de forma fundamental, de um processo de dispensação que garanta o adequado fornecimento das informações relevantes quanto ao tratamento medicamentoso (Peppe et al., 2000).

Sem as orientações necessárias, a terapia medicamentosa pode não ter o resultado satisfatório que o profissional prescritor deseja para seu paciente. Além disso, fatos como intoxicações medicamentosas e efeitos adversos podem elevar o número de internações hospitalares desnecessárias e/ou aumentar o tempo de internação. Esta situação repercute, em última análise, em aumento de custo para o Sistema Único de Saúde (SUS) (Marín et al., 2003).

Considerando que muitas destas intoxicações e reações adversas poderiam ser prevenidas ou adequadamente manejadas caso dispuséssemos de um sistema de assistência farmacêutica pleno e eficiente, com a presença de profissionais farmacêuticos capacitados e disponíveis para o exercício de suas atribuições clínicas (Molino et al., 2014), as autoridades sanitárias e os representantes da categoria têm lutado para adequar a regulamentação da profissão farmacêutica e mudar a concepção de farmácias e drogarias no Brasil. Neste sentido, novas resoluções do Conselho Federal

de Farmácia têm definido e regulamentado as atribuições clínicas do farmacêutico (CFF, 2013<sub>a</sub>; CFF, 2013<sub>b</sub>), e a reforma curricular do Ministério da Educação, que deu origem a formação generalista do farmacêutico, impulsionou uma mudança no perfil do egresso dos cursos de Farmácia. Corroborando estas medidas, a Lei nº 13.021/14, recentemente aprovada pelo Congresso Nacional, institui a farmácia como “unidade de prestação de serviços destinada a prestar assistência farmacêutica, assistência à saúde e orientação sanitária individual e coletiva”. Para tanto, reafirma a necessidade da presença integral do profissional farmacêutico, e determina como obrigações deste profissional, entre outras, “proceder ao acompanhamento farmacoterapêutico de pacientes”, “estabelecer o perfil farmacoterapêutico no acompanhamento sistemático do paciente, mediante elaboração, preenchimento e interpretação de fichas farmacoterapêuticas”, e “prestar orientação farmacêutica, com vistas a esclarecer ao paciente a relação benefício e risco, a conservação e a utilização de fármacos e medicamentos inerentes à terapia, bem como as suas interações medicamentosas e a importância do seu correto manuseio” (Brasil, 2014).

As mudanças trazidas por estas novas normas exigirão do setor farmacêutico, em especial do varejista e do próprio profissional, uma profunda reformulação e readequação. Dentre as iniciativas para implantação de um modelo de farmácia mais próximo ao idealizado, destacam-se as farmácias escolas (Altnetter et al., 2013), como é o caso da Farmácia Escola da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Funcionando como rede própria do programa Farmácia Popular do governo federal, a Farmácia Escola da UFRGS (FE-UFRGS) fornece medicamentos gratuitos ou com custo reduzido à população, e destaca-se pelo diferencial de seu atendimento, ao proporcionar um ambiente adequado à prestação de orientação farmacêutica à população atendida. A FE-UFRGS conta com equipe de farmacêuticos que coordenam

as ações de assistência farmacêutica e orientam graduandos do curso de farmácia em seus estágios curriculares.

A concreta inserção do profissional farmacêutico na assistência básica à saúde ainda representa, no entanto, um grande desafio, cujos obstáculos são bastante complexos e requerem uma profunda análise quanto a sua natureza e determinantes.

Dentre os possíveis obstáculos à concretização da farmácia como estabelecimento de saúde e à inserção do farmacêutico na equipe de assistência básica à saúde, sobressaem a falta de reconhecimento do farmacêutico por parte do prescritor e da população, tão acostumada a não dispor da atenção por parte deste profissional, além do desinteresse e/ou carência de capacitação do próprio farmacêutico (Oliveira et al., 2005; Martin et al., 2010; Chui et al., 2014).

Diante do exposto, o presente estudo teve como objetivos descrever o conhecimento e reconhecimento do farmacêutico por usuários de medicamentos, comparando os que utilizam o serviço da FE-UFRGS e outros que não utilizam; bem como conhecer a percepção dos profissionais prescritores, dos farmacêuticos e dos estudantes de farmácia da UFRGS quanto ao papel clínico do profissional farmacêutico dentro de drogarias e sua capacitação acadêmica para o exercício desta atividade.

## 2. MATERIAL E MÉTODO

### **Amostra**

Foi realizado um estudo transversal, observacional. A amostra utilizada foi composta por pacientes usuários de medicamentos, estudantes de FE- UFRGS, médicos ou estudantes de medicina, e farmacêuticos atuantes em drogarias.

#### *Usuários de medicamentos*

Os usuários de medicamentos pertencem a dois grupos distintos:

1) clientes/pacientes da FE- UFRGS; 2) usuários de medicamentos não clientes da FE-UFRGS, convidados por meio de redes sociais.

Os critérios de inclusão para usuários foram: a) apresentar condições cognitivas que garantissem a clara comunicação; b) idade superior a 18 (dezoito) anos; c) aceitar responder o questionário. Os critérios de exclusão foram: a) não tratar-se de médico, farmacêutico ou graduando dos respectivos cursos, b) não ser domiciliado em Porto Alegre (caso dos participantes via internet).

A amostra de usuários de medicamentos clientes ou não da FE-UFRGS foi de conveniência e dependente da livre adesão dos usuários ao questionário eletrônico ou ao convite realizado na farmácia.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista direta na farmácia ou por meio do envio de questionário eletrônico.

### *Estudantes de farmácia*

A amostra de estudantes de Farmácia foi constituída por estudantes de graduação da Faculdade de Farmácia da UFRGS, dos seguintes períodos: a) 2ª etapa (iniciantes); b) 9ª, 10ª e 11ª etapas (concluintes). Foram incluídos os estudantes das etapas do curso anteriormente mencionadas que demonstraram interesse em participar. Foram excluídos aqueles que preencheram menos de 70% do questionário aplicado/fornecido.

Para este grupo, a amostra foi de conveniência e dependente da adesão dos estudantes. Os dados foram coletados por autopreenchimento do formulário.

### *Farmacêuticos, médicos e estudantes de medicina*

Os participantes destes grupos foram incluídos por exercerem a profissão (farmacêuticos e médicos) ou estudarem (estudantes de Medicina) exclusivamente em Porto Alegre/RS-Brasil. A amostra foi de conveniência e dependente da livre adesão ao questionário eletrônico, encaminhado via *email*.

### **Condução da Pesquisa**

A coleta dos dados foi realizada durante os meses de Agosto e Setembro de 2014, e todos os entrevistados foram convidados a responder o questionário de forma livre e não houve nenhuma forma de identificação dos participantes.

Os usuários da FE-UFRGS foram entrevistados pessoalmente pelos pesquisadores, no local, enquanto aguardavam o atendimento ou a dispensação de seus medicamentos (APÊNDICE A).

Os médicos e estudantes de medicina, farmacêuticos e os indivíduos da população em geral (não-usuários da FE-UFRGS) foram contatados por meio

eletrônico, através de lista de usuários dos pesquisadores e colaboradores da pesquisa, os quais foram convidados a responderem questionários eletrônicos semiestruturados, elaborados para cada uma das categorias populacionais envolvidas na pesquisa. Os referidos formulários eletrônicos foram desenvolvidos no formulário do Google Docs., uma plataforma digital do Google (APÊNDICE B e APÊNDICE E).

Quanto aos estudantes do curso de farmácia iniciantes e concluintes que participaram da pesquisa, a abordagem foi realizada durante período de aula, em espaço concedido pelos professores de disciplinas dos referidos semestres (APÊNDICE C e APÊNDICE D).

Os critérios éticos seguiram as normas de da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

### **Análise de Dados**

As respostas foram codificadas e armazenadas em um banco de dados criados no Programa Excel Windows®. Os dados foram submetidos a uma análise estatística descritiva e os resultados foram expressos em frequência, percentagem e/ou média aritmética.

### 3. RESULTADOS

Um total de 521 entrevistas foram realizadas e distribuídas conforme disposto na

Figura 1.

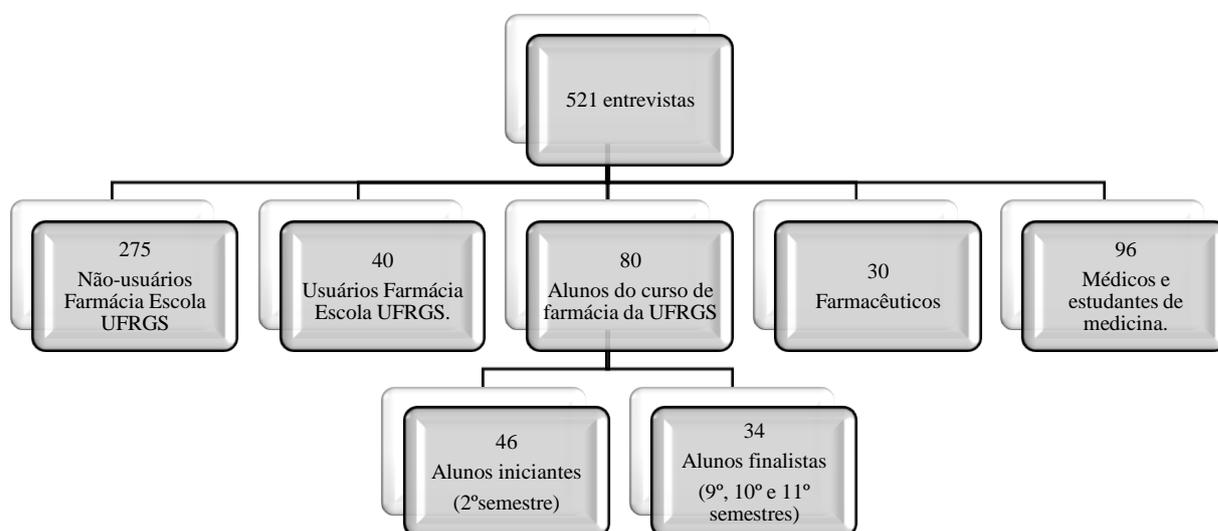


Figura 1. Esquema geral dos entrevistados e divisão das amostras.

A caracterização geral da amostra, e dos diferentes grupos, encontra-se na tabela

I.

Tabela I. Caracterização Usuários e Não-usuários, Farmacêuticos e Prescritores. Porto Alegre, 2014.

<b>CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA</b>	<b>NÃO USUÁRIOS</b>	<b>USUÁRIOS</b>	<b>MÉDICOS E ESTUDANTES DE MEDICINA</b> % (n)	<b>FARMACÊUTICOS</b>
<b>IDADE</b>				
18-28	61,99 (168)	7,89 (3)	82,29 (79)	53,33 (16)
(29-39)	28,41 (77)	13,16 (5)	17,70 (17)	36,67 (11)
(40-50)	5,9 (16)	13,16 (5)	-	10 (3)
(51-60)	3,7 (10)	31,58 (12)	-	-
≥ 61	-	34,21 (13)	-	-
<b>GÊNERO</b>				
Feminino	58 (160)	62,5 (25)	60,42 (58)	90 (27)
Masculino	42 (116)	37,5 (15)	39,58 (38)	10 (3)
<b>ESCOLARIDADE</b>				
Fundamental incompleto	-	22,5 (9)	-	-
Fundamental completo	0,36 (1)	12,5 (5)	-	-
Médio incompleto	0,72 (2)	-	-	-
Médio completo	12,36 (34)	35 (14)	-	-
Superior incompleto	27,64 (76)	2,5 (1)	79,16 (76)	-
Superior completo	58,90 (162)	27,5 (11)	20,83 (20)	100 (30)
Não alfabetizado	-	-	-	-
<b>CONHECE A FPB<sup>1</sup> – FARMÁCIA ESCOLA?</b>				
Sim	0 (0)	100 (40)	78 (75)	76,66 (23)
Não	100 (275)	0 (0)	22 (21)	23,34 (7)

<sup>1</sup>Farmácia Popular do Brasil.

### **Percepções de usuários e não usuários da Farmácia Escola sobre a profissão farmacêutica:**

Quando questionados sobre “o que é farmácia para você?” 24,39% (10) dos usuários da FE-UFRGS responderam que identificavam a farmácia como um comércio de medicamentos e 75,61% (31) como um estabelecimento de saúde. Já 57% (156) dos não-usuários da FE-UFRGS responderam que a farmácia é um comércio de medicamentos e 43% (119) que enquadrava-se como um estabelecimento de saúde.

Dos quarenta usuários da farmácia escola entrevistados, 50% (21) responderam que o farmacêutico é o responsável técnico do estabelecimento, enquanto que 63% dos

não-usuários que o farmacêutico é o profissional de saúde. Sobre a facilidade de identificação do farmacêutico na farmácia, 53,85% (21) dos usuários responderam que identificam com facilidade, ao passo que 74% (204) dos não-usuários não o identificam. Entre os fatores apresentados (preço acessível, tempo de atendimento e atendimento e orientação farmacêutica) como mais motivadores para a escolha do estabelecimento farmacêutico, o atendimento e orientação farmacêutica foram escolhidos por 62,79% dos usuários enquanto que os não usuários [54% (148)] levam mais em consideração o preço na hora desta escolha.

Os usuários [43,5% (20)] da FE-UFRGS e não-usuários [29% (81)] informaram que quando surgem dúvidas com relação, especificamente, a medicamentos o profissional a quem mais recorrem são os médicos. A segunda fonte de informação, no caso dos usuários da FE-UFRGS foi o farmacêutico [28,26% (13)] e dos não usuários foi a bula [23% (64)]. Em contrapartida, 62,50% (25) dos usuários da farmácia e 72% (197) dos não-usuários costumam buscar ou já buscaram orientações gerais sobre saúde com um farmacêutico. Ambos grupos entrevistados concordaram que esta informação foi útil na maioria das vezes. A orientação mais procurada por 88% (22) dos usuários da farmácia escola foi informações a respeito dos medicamentos prescritos, o mesmo foi respondido por 57,8% (114) dos não-usuários da FE-UFRGS.

Com o intuito de verificar o conhecimento da população em relação às áreas de atuação do farmacêutico, usuários e não-usuários da FE-UFRGS foram perguntados quanto outras atividades desempenhadas pelo profissional. Dentre os usuários FE-UFRGS 42,19% (27) identificaram a produção de medicamentos como atribuição do farmacêutico, seguida da realização de exames laboratoriais [23,43% (15)], produção de cosméticos [14,06% (9)] e de alimentos [15,62% (10)]. Dentre os não usuários da FE-UFRGS, 94% (258) relacionou o farmacêutico com a produção de medicamentos,

seguido da produção de cosméticos [72% (199)], realização de exames laboratoriais [60% (165)], e produção de alimentos [27% (75)]. Não souberam identificar outras atividades do farmacêutico, além de sua atuação em farmácias e drogarias, 15,62% (10) dos usuários da FE-UFRGS e 4% (10) dos não usuários, respectivamente.

Quanto à importância de manter um vínculo sempre com a mesma farmácia, 70% (28) dos usuários da FE-UFRGS responderam que acham isso importante, enquanto que para apenas 41% (112) dos não usuários da FE-UFRGS este vínculo foi considerado importante.

As percepções de usuários e não-usuários da FE-UFRGS quanto ao que é mais importante em um atendimento na farmácia encontram-se na tabela II.

**Tabela II.** Percepções de usuários e não usuários da Farmácia-Escola da UFRGS, respectivamente, sobre a profissão farmacêutica. Porto Alegre, 2014.

	<b>Muito importante/ Indispensável</b>	<b>Importante</b>	<b>Pouco importante</b>	<b>Indiferente/ desnecessário</b>	<b>Não sabe/ não opina</b>
	<b>% (n)</b>				
<i>P1. Na farmácia o que é importante?</i>					
<b>Tempo de atendimento</b>					
Usuários	50 (20)	45 (18)	-	5 (2)	-
Não-usuários	49 (136)	45 (124)	4 (11)	1 (4)	-
<b>Preço do medicamento</b>					
Usuários	77,5 (31)	17,5 (7)	-	5 (2)	-
Não-usuários	61 (167)	36 (98)	3 (8)	1 (2)	-
<b>Atendimento e orientação farmacêutica</b>					
Usuários	82,5 (33)	17,5 (7)	-	-	-
Não-usuários	60 (165)	31 (84)	6 (17)	3 (9)	-
<i>P2. A presença do farmacêutico na farmácia é?</i>					
Usuários	62,50 (25)	35 (14)	2,50 (1)	-	-
Não-usuários	67 (183)	27 (74)	4 (11)	1 (2)	2 (5)
<i>P.4 Como considera a avaliação e acompanhamento de um farmacêutico para o sucesso de seu tratamento?</i>					
Usuários	43,50 (17)	25 (10)	-	27,50 (11)	5 (2)
Não-usuários	16 (43)	42 (116)	-	28 (76)	15 (40)

### **Percepções de médicos e estudantes de Medicina sobre a profissão farmacêutica:**

Foram entrevistados 96 prescritores e estudantes de medicina, conforme caracterizado na Tabela I.

Os prescritores médicos e estudantes de medicina foram questionados sobre quais locais eles identificavam como lugares de atuação do farmacêutico, a fim de verificar o conhecimento destes profissionais sobre a profissão farmacêutica. 96% (92) deles respondeu que identificavam a farmácia como principal emprego do farmacêutico, seguido de 93% (89) em indústrias desenvolvendo medicamentos, 80% (77) desenvolvendo cosméticos, 66% (63) nas análises clínicas, 81% (78) na farmácia clínica, 1% (1) não soube responder e 16% (15) responderam que identificam o farmacêutico em outros locais de atuação. Entre estes outros locais citados por este grupo estão: postos de saúde/Unidades Básicas de Saúde (UBS), representação comercial, hospitais, perícia criminal, vigilância sanitária, pesquisa.

Quando questionados sobre o seu conhecimento quanto à atividade de AtenFar, 76% (73) responderam não conhecer o que seria esta atividade. Dentre os que afirmaram conhecer esta prática farmacêutica, 22% (16) a relacionaram com análise e aviamento de prescrições, 24,7% (18) com a avaliação de possíveis interações entre os medicamentos prescritos, 19,2% (14) com orientações sobre interações medicamento-alimento ou medicamento-bebida, 16,4% (12) com orientações quanto ao melhor horário de tomada dos medicamentos, e apenas 19,2% (14) com o “acompanhamento farmacoterapêutico do paciente, com vistas a otimizar a terapia, identificar e prevenir problemas relacionados a medicamentos e garantir a adequada adesão ao tratamento”.

Quando questionados sobre sua percepção a respeito da importância da profissão farmacêutica, 80% a consideraram essencial ou muito importante, conforme demonstra a tabela III.

**Tabela III.** Percepções de médicos e estudantes de Medicina sobre a profissão farmacêutica. Porto Alegre, 2014.

	<b>Concordo Plenamente</b>	<b>Concordo Parcialmente</b>	<b>Não concordo Nem concordo</b>	<b>Discordo Parcialmente</b>	<b>Discordo Plenamente</b>
	% (N)				
<b>O farmacêutico:</b>					
P1. <i>Está habilitado para prescrever MIPS* para sintomas menores?</i>	8 (8)	24 (23)	7 (7)	30 (29)	30 (29)
P2. <i>Está habilitado para dar orientações quanto à incompatibilidades de medicamentos?</i>	34 (33)	40 (42)	1 (1)	17 (16)	6 (6)
P3. <i>É um dos profissionais responsáveis por avaliar melhor horário de tomada e a posologia.</i>	24 (23)	33 (32)	10 (10)	17 (16)	16 (15)
P4. <i>A comunicação médico farmacêutico é importante.</i>	84 (81)	10 (10)	5 (5)	0 (0)	0 (0)
	<b>Essencial</b>	<b>Muito importante</b>	<b>Importante</b>	<b>Irrelevante</b>	<b>Não opinou/não sabe</b>
P5. <i>Como avalia o trabalho do farmacêutico</i>	49 (47)	31 (30)	17 (16)	1 (1)	2 (2)

\*MIPS= medicamento isento de prescrição médica

Quando solicitados a elencarem qual seria a importância das orientações ou intervenções farmacêuticas junto a seus pacientes, os médicos e estudantes de medicina apontaram: evitar a troca de medicamentos ou erros de dispensação [86% (83)]; garantir a adequada conservação do medicamento, inibir a venda de medicamentos vencidos ou falsificados e evitar automedicação irresponsável [86% (83)]; identificar e reportar ao médico interações e incompatibilidades medicamentosas, bem como reações adversas a

medicamentos [71% (68)]; orientar o uso correto e seguro de medicamentos livres de prescrição médica [64% (61)]; esclarecer e reforçar as orientações presentes na receita médica/odontológica [83% (80)]; promover e auxiliar na melhor adesão à terapia [73% (70)]; auxiliar a equipe de saúde no monitoramento da farmacoterapia [74% (71)].

Quando questionados sobre possíveis intervenções de farmacêuticos na farmacoterapia de seus pacientes, 64% (61) dos entrevistados relataram nunca terem recebido nenhum tipo de notificação de um profissional farmacêutico, enquanto que 36% (35) receberam notificações a respeito do estado de saúde de algum de seus pacientes ou a respeito de questões relacionadas a sua terapia medicamentosa.

#### **Percepções de farmacêuticos sobre a profissão farmacêutica:**

Entre os 30 farmacêuticos entrevistados, o tempo médio de trabalho em farmácias e drogarias foi de 4,4 anos. Destes, 53% (16) possuem pós-graduação e 60% (18) relataram que trabalhar em farmácia/drogaria foi sua primeira opção.

Quando indagados sobre o preparo obtido na universidade para o mercado de trabalho, mais da metade [70% (21)] respondeu que não se sentia suficientemente preparado ao sair da universidade. Questionados sobre a respeito da recente mudança de currículo dos cursos de farmácia, 50% (15) concordou parcialmente que os atuais cursos generalistas qualificam melhor o profissional e apenas 7% (2) concordou plenamente com essa hipótese. Foi perguntado aos farmacêuticos se acreditavam que o conhecimento em análises clínicas e produção de medicamentos, adquiridos no currículo generalista, poderia auxiliar no atendimento aos clientes da farmácia/drogaria e 43% (13) concordaram plenamente.

Sobre o descontentamento dos farmacêuticos que estão atualmente no mercado de trabalho, a grande maioria, 80% (24), alegou ser pelos baixos salários pagos aos farmacêuticos, seguido da opinião de 7% (2) dos entrevistados que entenderam ser pela falta de reconhecimento da população e proprietários das farmácias.

Os resultados sobre os questionamentos de aspectos mais clínicos realizados aos profissionais farmacêuticos encontram-se na Tabela VI.

**Tabela VI.** Percepções de farmacêuticos sobre a profissão farmacêutica. Porto Alegre, 2014.

	FARMACÊUTICOS	
	%	
	(N)	
<b>P1. A prescrição farmacêutica é:</b>		
<i>Uma conquista da profissão.</i>	7	(2)
<i>Indiferente.</i>	0	(0)
<i>Não serve, na prática, para muita coisa.</i>	30	(9)
<i>Irrelevante.</i>	3	(1)
<i>Importante para os usuários da farmácia.</i>	0	(0)
<i>Uma forma de reduzir o uso irracional de medicamentos.</i>	37	(11)
<i>Uma garantia ao paciente sobre a indicação que recebeu na farmácia.</i>	23	(7)
<b>P2. No seu dia-a-dia, presta o serviço de atenção farmacêutica?</b>		
<i>Sim.</i>	47	(14)
<i>Não.</i>	53	(16)
<b>P.3. O que você faz? Caso tenha respondido SIM na questão acima.</b>		
<i>Faz orientações sobre medicamentos.</i>	91,66	(11)
<i>Realiza medida de pressão arterial, Glicose, perfuração auricular.</i>	8,33	(1)
<b>P4. Porque NÃO realiza este trabalho?</b>		
<i>Falta de tempo.</i>	17	(5)
<i>Desinteresse por parte do proprietário.</i>	13	(4)
<i>Desinteresse por parte dos usuários.</i>	7	(2)
<i>Porque não sei o que é, de fato, a atenção farmacêutica.</i>	0	(0)
<i>Não acredito que seja o melhor local para realizar este serviço.</i>	3	(1)
<i>Outra.</i>	13	(4)
<b>P5. No seu dia-a-dia, já orientou clientes quanto:</b>		
<i>Reações adversas.</i>	30	(9)
<i>Interação medicamento X alimento.</i>	7	(2)
<i>Interação medicamento X medicamento.</i>	23	(7)
<i>Possíveis intoxicações.</i>	7	(2)
<i>Indicação de medicamentos de venda livre.</i>	33	(10)
<b>P6. No seu dia-a-dia, a população busca a ajuda/opinião do farmacêutico?</b>		
<i>Sim.</i>	90	(26)
<i>Não.</i>	10	(3)
<b>P7. Na sua opinião, a população confia nas orientações do farmacêutico?</b>		
<i>Sim.</i>	87	(26)
<i>Não.</i>	13	(4)
<b>P8. Já necessitou notificar algum profissional prescritor?</b>		
<i>Sim.</i>	43	(13)
<i>Não.</i>	57	(17)
<b>P9. Qual resultado obteve?</b>		
<i>Positivo.</i>	36,36	(4)
<i>Negativo.</i>	63,63	(7)

Outra questão abordada foi o auxílio, concedido pelo farmacêutico, no sucesso terapêutico dos usuários/pacientes. Dos trinta (30) entrevistados, 83% (25) afirmou que, no momento, conseguem ajudar no sucesso terapêutico de seus pacientes.

Quando questionados se consideram atualmente a farmácia um estabelecimento de saúde, apenas 47% (14) respondeu afirmativamente. Os resultados a respeito da opinião dos farmacêuticos quanto às mudanças necessárias no perfil das drogarias para tornar-se efetivamente um estabelecimento de saúde, encontram-se no quadro II.

Quadro II. Percepções farmacêuticos quanto a farmácia como estabelecimento de saúde. Porto Alegre, 2014.

IDEIA CENTRAL	DISCURSO DO SUJEITO
<i>Profissional remete sua importância para outros indivíduos.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Valorização médica, e de donos de farmácias.”</li> <li>- “Respeito e valorização por parte do proprietário, pois estes só visam lucro e não o bem-estar do cliente.”</li> </ul>
<i>Pressão mercadológica, lucro.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “A visão comercial não poderia predominar nas drogarias.”</li> <li>- “Visassem em primeiro lugar a saúde do paciente e não o lucro, há “empurro terapia”.”</li> <li>- “Visto que a farmácia é também um estabelecimento comercial, é difícil diminuir a pressão sobre vendas que é o que faz perder mais o caráter de estabelecimento de saúde.”</li> <li>- “Farmacêuticos passam a ser apenas vendedores.”</li> <li>- “Ainda visa-se o lucro, o que é necessário, mas possui metas de vendas e equipes e treinamentos motivando ao aumento das vendas.”</li> <li>- “Ser menos comercial e mais focada no paciente.”</li> <li>- “Sem pressão de vendas.”</li> </ul>
<i>Falta de estrutura para atender paciente.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Ter um espaço reservado para as pessoas serem “atendidas” pelo farmacêutico.”</li> <li>- “Ter mais farmacêuticos para atender as pessoas, pois os pacientes reconhecem que o atendimento do farmacêutico, nas drogarias, é diferenciado em relação ao atendimento dos balconistas.”</li> <li>- “Local adequado para a atenção farmacêutica, sistema integrado para a atenção farmacêutica.”</li> </ul>
<i>Farmacêutico como principal protagonista na farmácia.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “proprietário ser dono da farmácia.”</li> <li>- “Apenas farmacêuticos proprietários.”</li> <li>- “Eu diria que as farmácias estarem em mãos de farmacêuticos ao invés de empresários.”</li> <li>- “Leis devem ser cumpridas, orientação ao paciente obrigatória e avaliação de todas as prescrições pelo farmacêutico.”</li> </ul>
<i>Farmacêutico e atitudes éticas.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Próprios farmacêuticos agindo de forma ética.”</li> <li>- “Medicamento ser tratado como tal não ser tão banalizado.”</li> <li>- “Mudança cultural, proibição de algumas propagandas, uso racional na prática.”</li> </ul>
<i>Relação farmacêutico x demais profissionais da saúde.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Uma interação maior entre médico e farmacêutico.”</li> <li>- “Presença de outros profissionais da saúde.”</li> </ul>

### **Conhecimentos e percepções de estudantes de Farmácia de etapas iniciais e finais do curso sobre a profissão farmacêutica:**

Dos 80 alunos do curso de farmácia entrevistados, 46 cursavam etapa inicial (segundo semestre) e 34 etapa final (último semestre do curso).

Dentre os alunos de etapa inicial, 10,86% apresentaram idades entre 16-17 anos, 78,26% idades entre 18-28 anos e 10,86% idades entre 29-39. Aos alunos foi perguntado o que eles sabiam sobre o curso e o mercado de trabalho antes de ingressarem na universidade. Dentre as respostas mais citadas: atuação do farmacêutico em drogarias [34% (34)], na perícia forense [10% (10)], manipulação [10% (10)], e em indústrias [9% (9)].

Quando questionados sobre outros locais/áreas de atuação do profissional farmacêutico, 28,24% (37) responderam indústrias, 29,77% (39) em indústrias de cosméticos, e 25,19% (33) na farmácia clínica. Os alunos foram convidados a responder questionamentos quanto às áreas de possível interesse. Dos 46 entrevistados os locais de atuação mais citados foram: hospitais 21,74% (25), seguidos das análises clínicas 17,40% (20) e indústria de cosméticos 14,78% (17). A atuação em farmácias e drogarias foi citada por apenas 6,96% (8) dos alunos ouvidos.

Outra análise realizada com os estudantes da etapa inicial do curso foi o possível interesse dos mesmos em mudar de curso. Dentre estes, 38,30% (18) responderam que não, pois estão decididos a serem farmacêuticos, enquanto 23,40% (11) ainda pensam em mudar.

Os resultados da entrevista com os alunos de início de curso estão sumarizados na Tabela IV.

**Tabela IV.** Percepções de estudantes de Farmácia de etapas iniciais sobre a profissão farmacêutica. Porto Alegre, 2014.

	% (N)
	Estudantes de etapas iniciais
P1. Critério para escolha do curso	
<i>Interesse por áreas da química e biologia/área da saúde.</i>	36,58 (15)
<i>Interesse pela ampla área de atuação/Gosta do curso.</i>	46,34 (19)
<i>Interesse pelo contato com o paciente/Auxiliar pessoas.</i>	7,32 (3)
<i>Já trabalhava na área.</i>	2,44 (1)
<i>Parecia fácil/Resolveu tentar.</i>	4,88 (2)
<i>Família influenciou.</i>	2,44 (1)
P2. A presença do farmacêutico em farmácias e drogarias é:	
<i>Indispensável</i>	72,92 (35)
<i>Importante</i>	22,92 (11)
<i>Pouco importante</i>	2,08 (1)
<i>Dispensável</i>	0 (0)
<i>Não tem opinião</i>	2,08 (1)
P.3. Qual o problema da profissão farmacêutica?	
<i>Salário</i>	31,46 (28)
<i>Reconhecimento pela população</i>	43,86 (39)
<i>Reconhecimento pelo prescritor</i>	23,59 (21)
<i>Não sabe</i>	1,12 (1)
P4. Fatores que influenciam a querer mudar de curso	
<i>Salário/Reconhecimento população/Reconhecimento prescritor.</i>	38,71 (12)
<i>Não encontra-se no curso/Disciplinas/Curso extenso e difícil/Não gostou/Desmotivante.</i>	45,16 (14)
<i>Queria medicina/Não sabia o que queria.</i>	12,90 (4)

Entre os alunos de final de curso, foram realizadas 34 entrevistas, eles tinham idade, em sua maioria, em torno de 18-28 anos [97% (33)]. Quando questionados quanto à razão de sua escolha pelo curso de farmácia, 57,14% (20) respondeu que o gosto pela química, biologia e pela área da saúde teriam sido seu maior estímulo. A opinião sobre o curso mudou ao longo de sua trajetória para 91,2% (31), assim como a área de interesse [66,7% (22)]. O interesse inicial da maioria dos alunos [38,9% (7)] era em análises clínicas, seguida da indústria e pesquisa [33,3% (6)] e manipulação [27,8% (5)]. Já no final do curso, 19 alunos responderam a este questionamento, sendo que o interesse da grande maioria passou a ser a indústria [36,8% (7)], seguido das análises clínicas [21,05% (4)] e Atenção farmacêutica [21,05% (4)].

Foi perguntado aos estudantes “o quanto eles se sentiam preparados para a atuação profissional no mercado de trabalho”, 76,47% (26) informaram sentir-se bem preparados, 17,65% pouco preparados e apenas 5,8% muito bem preparados para encarar o mercado de trabalho.

Os questionamentos quanto à prática profissional em drogarias encontram-se na

Tabela V.

Tabela V. Percepção dos alunos de final de curso quanto ao perfil clínico dos farmacêuticos. Porto Alegre, 2014.

		ALUNOS FINALISTAS	
		%(N)	
<b>P1. O que acredita que a prescrição farmacêutica fará pelo profissional farmacêutico:</b>			
	<i>Dar maior visibilidade ao profissional.</i>	38	(19)
	<i>Valorizar.</i>	24	(12)
	<i>Motivar a se qualificar.</i>	34	(17)
	<i>Desmotivar.</i>	0	(0)
	<i>Indiferente.</i>	2	(1)
	<i>Não mudará nada.</i>	2	(1)
<b>P2. Você considera a atenção farmacêutica?</b>			
	<i>Essencial.</i>	70,59	(24)
	<i>Importante.</i>	29,41	(10)
	<i>Pouco importante.</i>	-	
	<i>Irrelevante.</i>	-	
	<i>Desnecessária.</i>	-	
	<i>Não sabe/Não opina.</i>	-	
<b>P3. Quais as dificuldades para a implementação da atenção farmacêutica no Brasil?</b>			
	<i>Desinteresse do paciente.</i>	11,9	(10)
	<i>Desinteresse do médico.</i>	14,3	(12)
	<i>Despreparo do farmacêutico.</i>	19	(16)
	<i>Desinteresse do farmacêutico.</i>	4,76	(4)
	<i>Falta de tempo.</i>	8,33	(7)
	<i>Custo-benefício para o estabelecimento.</i>	17,89	(15)
	<i>Desinteresse do proprietário.</i>	21,43	(18)
<b>P4. Acredita que teu trabalho será essencial em uma farmácia/drogaria?</b>			
	<i>Sim.</i>	97	(33)
	<i>Não.</i>	3	(1)
<b>P5. O farmacêutico se relaciona bem com os demais profissionais da área da saúde?</b>			
	<i>Sim.</i>	64,71	(22)
	<i>Não.</i>	35,29	(12)
<b>P6. Qual/quais os principais problemas da profissão?</b>			
	<i>Não vejo problemas na profissão.</i>	-	
	<i>Salário.</i>	34,88	(30)
	<i>Reconhecimento pela população.</i>	34,88	(30)
	<i>Reconhecimento pelo profissional prescritor.</i>	25,58	(22)
	<i>Desunião categoria/ Falta identidade profissional/Valorização do próprio farmacêutico.</i>	3,5	(3)

As percepções sobre o nível de conhecimento/preparo fornecido pelo curso de farmácia aos estudantes foram agrupados e podem ser visualizados no quadro I.

Quadro I. Análise do conhecimento/ preparo fornecido ao longo do curso de farmácia da UFRGS.

<b>CONHECIMENTO</b>	<b>ÓTIMO</b>	<b>SATISFATÓRIO</b>	<b>INSUFICIENTE</b>
Mecanismo de ação do fármaco.	20,58% (7)	64,70% (22)	14,7% (5)
Interpretação de exames laboratoriais.	55,9% (19)	41,17% (14)	2,94% (1)
Questões legais da rotina de assistência farmacêutica.	8,82% (3)	41,17% (14)	2,94% (1)
Indicações terapêuticas.	2,94% (1)	76,47% (26)	17,65% (6)
Doses e regimes terapêuticos.	2,94% (1)	61,76% (21)	35,29% (12)
Efeitos adversos.	5,88% (2)	67,65% (23)	29,41% (10)
Contraindicações.	5,88% (2)	61,76% (21)	32,35% (11)
Uso de plantas medicinais.	2,94% (1)	44,12% (15)	52,94% (18)
Fisiopatologia das doenças.	11,76% (4)	70,59% (24)	17,65% (6)

#### 4. DISCUSSÃO

O presente estudo buscou demonstrar a percepção, sobre diferentes aspectos, de diferentes grupos a respeito do profissional farmacêutico. Este é o primeiro estudo transversal observacional que se dedicou a verificar a percepção da população em geral (usuários de medicamentos, médicos e estudantes de medicina) quanto ao papel clínico da profissão farmacêutica, a forma como o farmacêutico encara a sua atuação no mercado de trabalho atual, bem como o reconhecimento da farmácia como estabelecimento de saúde.

Atualmente a profissão farmacêutica tem passado por mudanças, principalmente nas farmácias e drogarias. A consolidação da farmácia como estabelecimento de saúde está condicionada a uma série de fatores, incluindo a regulamentação por parte do Estado, o reconhecimento do papel clínico do farmacêutico por parte da população e dos profissionais prescritores, e a própria capacitação do profissional farmacêutico e sua postura em relação a este mercado de trabalho.

Embora tenhamos tido um avanço nas regulamentações que regem a profissão farmacêutica, as drogarias e farmácia, os nossos resultados sugerem que a população ainda a encara como um estabelecimento comercial. Segundo demonstra o dado, apenas 43% dos não usuários da FE encararam a farmácia como um estabelecimento de saúde, 16% consideraram a orientação do farmacêutico como “muito importante” para o sucesso de seu tratamento medicamentoso, e 41% consideraram o vínculo com uma mesma farmácia um fator relevante.

As causas ou condicionantes que levam a esta situação devem, no entanto, ser cautelosamente avaliadas, a fim de identificar alvos para políticas de intervenção.

A análise da percepção da população usuária de medicamentos quanto à identidade e a função do farmacêutico revelaram, no presente estudo, dados interessantes. A grande maioria dos entrevistados, quer sejam usuário ou não da FE-UFRGS, identificou o farmacêutico como profissional de saúde e responsável técnico pelas drogarias e farmácias. Mesmo que este dado seja também resultado da divulgação na mídia da obrigatoriedade de presença do farmacêutico nestes estabelecimentos, o fato de a maioria dos entrevistados relatarem já ter buscado orientação com este profissional, demonstra uma relação direta de reconhecimento do farmacêutico como profissional de saúde. Corroborando a ideia de que os usuários conhecem a profissão de farmacêutico, nossos dados demonstram que ambos os grupos (usuários ou não da FE) souberam, em sua grande maioria, elencar outras funções ou atribuições do profissional.

No entanto, uma relevante disparidade entre a opinião dos grupos de usuários e não da FE-UFRGS foi observada quando levado em conta a visão da farmácia como um estabelecimento de saúde. Enquanto apenas 43% dos não usuários da FE-UFRGS consideraram farmácia como estabelecimento de saúde, entre os usuários da FE-UFRGS o percentual atingiu 75,61%. De forma semelhante, enquanto apenas 16% dos não usuários consideraram a orientação do farmacêutico como muito importante ao sucesso de seu tratamento medicamentoso, 43,5% dos usuários da FE-UFRGS opinou positivamente sobre esse serviço. Corroborando a ideia de que os usuários da FE-UFRGS veem o estabelecimento farmacêutico como um estabelecimento de saúde, 70% dos entrevistados deste grupo consideraram o vínculo com uma mesma farmácia importante e o atendimento farmacêutico como o principal motivador de sua escolha pela farmácia (62,79%), ao passo que para 59% dos não usuários, este vínculo é irrelevante e o motivador da escolha por uma farmácia é o preço do medicamento (54%).

Podemos supor que o atendimento diferencial, prestado na FE-UFRGS pela equipe de farmacêuticos e estudantes de farmácia, possa ter desempenhado um papel decisivo enquanto causa desta disparidade. Em conformidade com esta hipótese, 53,8% dos usuários da FE-UFRGS relataram identificar com facilidade o farmacêutico, enquanto apenas 26% dos não usuários responderam o mesmo.

O fato de ambos os grupos de entrevistados buscarem, em primeiro lugar, o médico como referência quando surgem dúvidas relacionadas a medicamentos indica, no entanto, que é necessário um esforço maior da categoria a fim de consolidar a imagem do farmacêutico de um profissional que tem amplo conhecimento sobre medicamento, especialmente no que se refere ao contexto mais clínico da profissão.

Alguns pesquisadores, da área da Assistência Farmacêutica, tem relatado a importante influência da classe médica sobre a opinião dos pacientes em geral, e o papel fundamental da relação médico-farmacêutico no sucesso da AtenFar (Peppe & Castro, 2000; Oliveira et. al., 2002; Oliveira et. Al., 2005). Considerando este pressuposto, avaliou-se o conhecimento, reconhecimento e opinião de médicos (e estudantes de medicina) quanto às funções e à importância do farmacêutico enquanto profissional de saúde.

De uma maneira geral, observou-se que os médicos e estudantes de medicina têm o entendimento global da importância do profissional farmacêutico, para além da simples entrega final do medicamento. Eles expressaram que o farmacêutico é um dos responsáveis por: avaliar o melhor horário de tomada dos medicamentos e posologia, fornecer orientações quanto incompatibilidades medicamentosas, além de ser importante para o seu paciente em diversos aspectos como, por exemplo, evitar trocas de medicamentos, inibir a automedicação irresponsável, orientar sobre o uso correto de medicamentos de venda livre e auxiliar na adesão à terapia. E esta percepção pode estar

relacionada à convivência em equipes multidisciplinares, especialmente em hospitais, onde o farmacêutico hospitalar tem exercido há mais tempo e consolidado as funções clínicas inerentes à profissão.

Apoiando os achados de Peppe & Castro (2000) sobre a existência de problema na relação médico-farmacêutico, no que se referem à prescrição/dispensação, nossos dados apontam que o conhecimento das funções clínicas do farmacêutico, por parte da categoria médica, ainda precisa ser ampliado. Dos entrevistados, 76% afirmaram não conhecer a atividade de AtenFar, e mesmo entre os que afirmaram conhecê-la, apenas 15% de fato entendem seu significado. De forma semelhante, 60% dos entrevistados não consideram que o farmacêutico esteja apto a realizar prescrição de MIPs para o tratamento paliativo de sintomas menores, embora a OMS e a legislação vigente incentivem ou permitam a automedicação responsável e a indicação de MIPs pelo profissional farmacêutico (CFF, 2013b; OMS, 1988). Apesar disso, 64% destes mesmos entrevistados consideram como competência do farmacêutico a orientação do uso seguro destes produtos.

A provável participação ou responsabilidade dos farmacêuticos no cenário de “não reconhecimento do profissional” foi avaliada por meio das respostas dos farmacêuticos e a visão de 37% (11) deles, a respeito da prescrição farmacêutica, é de que pode ser um mecanismo para reduzir o uso irracional de medicamentos. Ao mesmo tempo, 30% (9) dos entrevistados entendem que, na prática, esta atividade não traria resultados concretos. De certa forma, essa percepção tende a menosprezar uma conquista da categoria farmacêutica que poderia ser utilizada para auxiliar a população e também garantir maior visibilidade ao seu trabalho. Esta visão positiva tem sido referendada em outros países, como a Austrália, onde os farmacêuticos prescrevem MIPs e em estudos conduzidos naquele país aparece uma tendência de aceitação, por

parte de farmacêuticos e pacientes, da ampliação da prescrição farmacêutica no intuito de beneficiar à população, mas respeitado o diagnóstico médico (Kreshnik et al., 2011).

As percepções e opiniões dos farmacêuticos sobre o mercado de trabalho em farmácia sugerem um cenário de acomodação do profissional e que não tem explorado com mais ênfase e entusiasmo áreas que tem se mostrado de extrema importância, como é o caso da AtenFar. Cinquenta e três por cento dos farmacêuticos entrevistados não prestam o serviço de AtenFar a seus clientes/pacientes. O que chama atenção nas respostas é o desconhecimento das atividades inerentes à AtenFar, pois 47% (14) dos que afirmaram realizar a atividade descreveram-na como a dispensação adequada, ou seja, o fornecimento de informações básicas sobre como administrar os medicamentos. Surpreende também o fato de que 80% (24) dos entrevistados formaram-se no currículo generalista, caracterizado por oferecer disciplinas voltadas à formação de profissionais capacitados ao exercício de serviços de AtenFar, diferentemente do que ocorria antes da reforma curricular.

A fim de avaliarmos os condicionantes que levam a formação de uma categoria farmacêutica que desconhece a prática de AtenFar, avaliamos a percepção de estudantes do curso de farmácia da UFRGS, comparando os ingressantes (etapa inicial do curso) e os futuros formandos (etapa final do curso). Optamos por restringir o estudo a estudantes da UFRGS devido a maior facilidade, por parte dos pesquisadores, ao acesso a estes alunos.

Levando em consideração os alunos ingressantes do curso, 79,92% consideram a presença do farmacêutico em farmácias e drogarias indispensável, embora apenas 6,96% demonstrem interesse pela área de drogarias e AtenFar, e apenas 7,32% interesse

pelo contato com pacientes. A área que mais motiva o ingresso no curso é a área laboratorial (química e biológica), compreendendo 36,58% dos entrevistados.

Este desinteresse já inicial pela atuação em farmácias e drogarias pode trazer como consequência, um menor empenho ou esforço do aluno em disciplinas voltadas a esta área, o que comprometeria a formação do profissional no âmbito da AtenFar.

O interesse pelas diferentes áreas de atuação, aparentemente, muda ao longo do curso segundo relato de uma considerável parcela dos alunos concluintes entrevistados, sendo que o número de alunos interessados na área de AtenFar sobe dos 6,96% (ingressantes) para 21,01% (concluintes do curso).

Quando questionados quanto preparo para o mercado de trabalho, apenas 5,8% disseram sentir-se muito bem preparados. Condizente com estes resultados, quando questionados especificamente sobre áreas do conhecimento farmacêutico necessários para a prática da AtenFar, a maior parte das respostas concentrou-se na opção “satisfatório”. O que chamou atenção foi o baixo percentual de alunos que consideraram ótimo o conhecimento, oferecido durante a graduação, a respeito de assuntos como: mecanismo de ação de fármacos, questões legais da rotina de assistência farmacêutica, indicação terapêutica. Alguns fatores que podem ter influenciado nesta percepção, inicialmente, o fato de que apenas 6% dos alunos ingressantes no curso tem interesse em exercer a profissão em farmácias e drogarias, sendo assim, pouco se preparam para este cenário. Outra possibilidade que pode ser levantada é o fato de as disciplinas essenciais a esta prática encontrarem-se dispostas no currículo nas etapas iniciais do curso, ou seja, em semestres nos quais os alunos, em sua maioria, não são maduros o suficiente para aproveitar ao máximo tais disciplinas. Contudo, essas hipóteses devem ser confirmadas por um estudo que apresente um desenho metodológico mais específico para responder as questões que ficaram em aberto na presente pesquisa.

A principal limitação deste estudo é a amostra por conveniência, pois esse tipo de amostra impede que os resultados sejam extrapolados para o total das populações estudadas. Essa forma de seleção também proporciona uma amostra heterogênea e que limita a análise dos resultados, como no caso dos não usuários da FE-UFRGS entrevistados que são, em sua maioria, jovens e com maior escolaridade, enquanto os usuários são mais idosos e com menor escolaridade. Outra limitação é o tamanho amostral dos usuários da FE-UFRGS foi menor, quando comparado ao dos não usuários, além da baixa adesão dos farmacêuticos à pesquisa, visto que dos 150 questionários enviados, obteve-se o retorno de apenas 20.

O presente estudo confirmou a hipótese de que a farmácia não é reconhecida como um estabelecimento de saúde, porém a percepção de que há falta de informação por parte da população e dos médicos prescritores quanto à atuação clínica do farmacêutico não se confirmou plenamente. Nossos dados indicam uma evolução positiva no reconhecimento desse público em relação à profissão farmacêutica. No entanto, importantes deficiências foram identificadas no que diz respeito ao entendimento da AtenFar por parte dos próprios farmacêuticos atuantes no mercado de drogarias e farmácias.

Atuação clínica do farmacêutico já é regulamentada e a população tem livre escolha pelo estabelecimento farmacêutico em que compra seus medicamentos e pela opção de aceitar ou não a orientação e acompanhamento deste profissional. Uma postura profissional proativa do farmacêutico, a exemplo do que fora verificado na FE-UFRGS, talvez possa representar um passo importante na concretização da farmácia enquanto estabelecimento de saúde. Desta forma, acredita-se que o fortalecimento da formação acadêmica dos futuros farmacêuticos, a capacitação e motivação dos farmacêuticos atuantes no mercado de trabalho representem o principal alvo para

políticas que visem garantir o direito do cidadão a uma assistência farmacêutica integral, conforme preconiza o Sistema Único de Saúde.

#### AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Farmácia Escola da Universidade Federal do Rio Grande do Sul pela disponibilidade do espaço e tempo para realização das entrevistas com seus pacientes.

## 5. REFERÊNCIAS:

1. Altnetter VC, Gallina SM, Heineck I. Avaliação da satisfação do usuário com o serviço prestado pela Farmácia Popular do Brasil – UFRGS. *Rev Bras Farm.* 2013, 94 (2): 136-141.
2. Araújo de ALA, Pereira LRL, Ueta JM, Freitas de O. Perfil da assistência farmacêutica na atenção primária do Sistema Único de Saúde. *Ciência & Saúde Coletiva* 2008. 13(Sup):611-617.
3. Brasil. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 338/2004: Política Nacional de Medicamentos, 2004.
4. Brasil, 2014. Dispoe sobre o exercício e fiscalização das atividades farmaceuticas. Disponível em: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2014/Lei/L13021.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13021.htm). Acessado em 24/08/2014 às 20:43
5. Chui MA.; Stone JA.; Odukoya OK.; Maxwell L. Facilitating collaboration between pharmacists and physicians using an iterative interview process. *J Am Pharm Assoc.* 2014..54(1): 35–41.
6. Conselho Federal de Farmácia (CFF). Resolução nº 586 de 29/08/2013. Regula a prescrição farmacêutica e dá outras providências. Ano: 2013<sub>a</sub>. Disponível em: <http://www.cff.org.br/userfiles/file/resolucoes/586.pdf>. Acesso em: 10/11/2014.
7. Conselho federal de farmácia (CFF). Resolução nº 585 de 29/08/2013. Regulamenta as atividades clínicas do farmacêutico e dá providências. Ano: 2013<sub>b</sub>. Disponível em: <http://www.cff.org.br/userfiles/file/resolucoes/585.pdf>. Acesso em: 10/11/2014.
8. Kreshnik H, Jeffery H, Bruce S. An expanded prescribing role for pharmacists an Australian perspective. *Australas Med J.* 2011;4(4):236-242.
9. Lip GY, Beevers DG. Doctors, nurses, pharmacists and patients – the rational evaluation and choice in hypertension. *Survey of hypertension care delivery. Blood Press* 1997; 1:6-10.
10. Marín N, et al., organizadores. Assistência farmacêutica para gerentes municipais de saúde. Rio de Janeiro: OPAS/OMS; 2003. P. 239-286.
11. Martin BA, Chui MA, Thorpe JM, Mott DA, Kreling DH. Development of a scale to measure pharmacists' self-efficacy in performing medication therapy management services. *Res Social Adm Pharm.* Jun; 2010 6(2):155–161.
12. Molino CGRC , Carnevale RC , Rodrigues AT , Visacri MB , Moriel P , Mazzola PG. Impact of pharmacist interventions on drug-related problems and laboratory markers in outpatients with human immunodeficiency virus infection. *Therapeutics and Clinical Risk Management* 2014:10.

13. Oliveira AB, Oliveira AO, Miguel MD, Zanin SMW, Kerber VA. Visão Acadêmica.2002, v. 3,n. 2, p. 109-117.
14. Oliveira AB, Oyakawa CN, Miguel MDS, Zanin MWD, Montrucchio P. Obstáculos da atenção farmacêutica no Brasil. Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas. Brazilian Journal of Pharmaceutical Sciences. 2005. out./dez, Vol. 41, n. 4.
15. Organización Mundial de la Salud. (OMS). El papel del farmacêutico en el sistema de atención de salud. Informe de um grupo de consulta de la OMS. Nueva Delhi:1988.
16. Organização Panamericana de Saúde (OPAS) 2002. Consenso Brasileiro de Atenção Farmacêutica. Disponível em:  
<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/PropostaConsensoAtenfar.pdf>.  
Acessado em 10/11/14 às 21h
17. Pepe VLE, Castro CGSO. A interação entre prescritores, dispensadores e pacientes: informação compartilhada como possível benefício terapêutico. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro 2000. jul-set, 16(3):815-822.
18. Vieira FS. How pharmacists can contribute to health promotion. Ciência & Saúde Coletiva. 2007.12(1):213-220.
19. Viktil KK, Blix HS. The impact of clinical pharmacists on drug-related problems and clinical outcomes. Basic Clin Pharmacol Toxicol. 2008;102(3):275–280.
20. Site da faculdade de farmácia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/farmacia/sobre/historico> . Acessado em 03/11/14 às 09:39h.

